

## A flexão nominal e a formação de gênero do substantivo no português

José Carlos de Azeredo (UERJ)

### Maculino / feminino X macho / fêmea

Os substantivos servem para designar uma vasta e variada série de noções concebidas pelo intelecto humano, cuja sistematização não compete à gramática. Do ponto de vista gramatical, tradicionalmente se consideram relevantes distinções como concreto x abstrato, próprio x comum, animado x inanimado. Na subclasse dos substantivos animados é comum encontrarmos pares como *homem/mulher*, *gato/gata*, *carneiro/ovelha*, *rei/rainha*, que nossa tradição escolar transformou na razão por excelência da análise gramatical do gênero. A verdade, porém, é que todo e qualquer substantivo pertence a um gênero, e não apenas os que denotam seres animados. O excesso de importância tradicionalmente concedida a essa subclasse se explica pela confusão que se fez entre **gênero** – que é uma categoria gramatical – e a noção biológica, portanto extralingüística, de **sexo**. Este equívoco já estava resolvido desde os trabalhos pioneiros de Manuel Said Ali (1861; 1953), mas ainda resta uma certa confusão em obras recentes destinadas ao ensino médio.

Como membros de uma comunidade que fala a língua portuguesa, nosso conhecimento do português inclui a informação de que cada substantivo tem um gênero. Sabemos, por força desse conhecimento, que *sol* é masculino e que *lua* é feminino. Por isso dizemos ‘o

sol é redondo’, e não ‘\*a sol é redonda’; mas dizemos ‘a lua é redonda’.

Noutras palavras, o gênero do substantivo faz parte de suas características lexicais e, como tal, vem informado nos dicionários. Não é por outra razão que mesmo falantes nativos de português têm dúvidas sobre o gênero que nos dicionários se atribui a alguns substantivos, como *cal*, *personagem* e *diabetes*.

**Gênero** é uma propriedade gramatical inerente aos substantivos e que serve para distribuí-los em dois grandes grupos: *nomes masculinos* (carneiro, porco, caderno, muro, caramelo, sol, dia, brilho, clarão) e *nomes femininos* (ovelha, porca, borracha, parede, bala, lua, noite, claridade, escuridão). Todo substantivo pertence, portanto, a um gênero, que ordinariamente vem indicado nos dicionários e que, numa frase, se manifesta formalmente nos determinantes (artigo, pronome possessivo, pronome demonstrativo) que acompanham o substantivo.

O gênero é, de um modo geral, uma característica convencional dos substantivos historicamente fixada pelo uso. Isto explica por que alguns substantivos mudaram de gênero ao longo do tempo (ex.: *fim* e *mar*, que já foram femininos e hoje são masculinos) ou apresentam gêneros diferentes conforme a variedade de língua (ex.: *grama* (unidade de peso) e *cal*. Coloquial e informalmente diz-se e escreve-se ‘duzentas gramas’, ‘o cal é branco’, enquanto nos usos técnicos e formais prefere-se ‘duzentos gramas’ e ‘a cal é branca’). Nos casos de *carneiro/ovelha* e *porco/porca*, o falante de português se

vale da oposição de significados entre macho e fêmea para identificar corretamente o gênero desses substantivos. Pode-se, portanto, dizer que, nestes últimos exemplos, o gênero, que é uma classificação eminentemente gramatical, corresponde à – e é motivada pela – distinção de conteúdos lexicais. O mesmo não se pode dizer, contudo, dos demais exemplos. O gênero de *caderno*, *muro*, *caramelo*, *sol*, *dia* e *brilho* não tem qualquer fundamento além da convenção social; este é também o caso de *borracha*, *parede*, *bala*, *lua* e *noite*. Quanto a *claridade* e *escuridão*, são femininos por força de uma regra morfológica – a que nos diz que são femininos todos os substantivos formados de adjetivos com acréscimo das terminações ‘-idade’ e ‘-idão’ (ex: *vermelhidão*, *amplidão*, *aptidão*, *felicidade*, *pontualidade*, *facilidade*, formados respectivamente a partir de *vermelho*, *amplo*, *apto*, *feliz*, *pontual* e *fácil*)

O masculino é o membro não-marcado – isto é, inespecífico – da oposição. Por isso, é ele o escolhido para designar a classe ou a espécie em sentido amplo: **o** brasileiro (isto é, ‘o povo brasileiro’), **o** trabalhador (isto é, ‘homem ou mulher que trabalha’), **o** artista (‘quem produz arte’), **o** sem-terra (isto é, ‘habitante da zona rural que não tem onde plantar’), **o** gato (isto é, ‘animal felino doméstico’). Também por ser o membro não-marcado, é a forma masculina do adjetivo a que se usa quando não há referência clara a um substantivo (ex.: ‘está *frio* nesta sala’, comparado com ‘esta sala está *fria*’). Também por isso empregam-se como masculinos os vocábulos que servem de substantivação a conceitos diversos (ex.: ‘**o** *xis*’ – Cf. ‘este

é o xis do problema’ –; ‘o *agá*’ – Cf. ‘herói se escreve com **h**’ –; ‘o *lhe*’ – Cf. ‘o *lhe* quase sempre é objeto indireto’).

### **Formação do feminino: flexão ou derivação?**

As gramáticas do português em geral ensinam que em pares de substantivos como *aluno / aluna*, *mestre / mestra*, *coelho / coelha*, *elefante / elefanta* ocorre uma flexão de gênero. Embora muito difundida e consolidada em nossa tradição descritiva, esta análise precisa de uma reformulação. Damos a seguir três razões para analisar estes exemplos não como flexão, mas sim como derivação:

1 – O conceito de flexão é incompatível com a quantidade de ‘exceções’ observada na classe dos substantivos. Para muitos substantivos em ‘-o’ não existe contraparte feminina em uso (ex.: *mosquito*, *besouro*, *papagaio*, *lagarto* (*lagarta* é um inseto), *veado*, *camundongo*); em outros pares de nomes, a fêmea é designada por meio de um lexema que nenhuma regra é capaz de produzir (ex.: *homem / mulher*, *carneiro / ovelha*, *cavalo / égua*, etc.).

2 – A flexão expressa a variação formal da *mesma* palavra (*feio / feia / feios / feias*, *saber / sei / sabendo / soubesse*, *leão / leões*). *Coelho* e *coelha* não são duas formas da mesma palavra, mas palavras lexicais distintas, que os dicionários registram separadamente. A atribuição de um gênero diferente a uma unidade lexical substantiva é uma forma de criar um novo substantivo, isto é, um processo de derivação.

3 – A criação e o emprego de certos nomes femininos (*chefa, sargenta, presidenta*), ou mesmo de certos nomes masculinos (*borboleto, formigo, pulgo*, possíveis nas histórias infantis) são freqüentemente encarados como opções pessoais ou escolhas estilísticas dos falantes, o que não acontece quando estamos diante de uma flexão regular.

Devemos, entretanto, reconhecer que para nomes derivados como *sabichão, beberrão, trapalhão, francês, português, italiano, americano, cantor, professor, embaixador, verdureiro, faxineiro* existem contrapartes femininas regularmente formadas por flexão (*sabichona, francesa, italiana, cantora, faxineira*). Explica-se este fato, seja porque estes nomes são potencialmente substantivos e adjetivos, seja porque contêm “sufixos que se flexionam”. Com efeito, os sufixos de grau (Z)ÃO e (Z)INHO variam em gênero. O sufixo ão apresenta no feminino o alomorfe ON(A). Isto explica a existência de formas tipicamente populares e coloquiais como *mulherona, bolsona, cinturona, bolona, portona*, criadas para recuperar o valor de ‘aumentativo’ de certo modo perdido pelas formas em ‘-ão’: *mulherão, bolsão, cinturão, bolão, portão*.

O sufixo (Z)INHO / (Z)INHA também se comporta como unidade autônoma em relação ao gênero. É ele, e não o substantivo como um todo, que se flexiona em nomes como *pontezinha* e *pelezinha*, já que os nomes ‘ponte’ e ‘pele’ são de tema em ‘-e’. O ‘-a’ dos diminutivos *portinha, ruazinha, pontezinha* e *pelezinha* é desinência de gênero própria do sufixo. A regularidade da presença do ‘-a’ nos

substantivos femininos derivados por meio do sufixo aumentativo ‘-ão’, e dos sufixos ‘-ês’, ‘-or’ e ‘-eiro’ também é uma prova de que esse ‘-a’ é uma desinência de gênero anexa ao próprio sufixo (ex.: *sabichona*, *solteirona* (subst. ou adj.), *francesa* (subst. ou adjetivo), *burguesa* (subst. ou adjetivo), *escritora*, *perdedora*, *lavadora*, *leiteira*, *laranjeira*, *sapateira*, *banheira*).

Em todos os demais casos em que à distinção de gêneros não corresponde uma distinção sistemática de significados, como a oposição ‘macho / fêmea’, os substantivos, embora formados com base no mesmo radical, apresentam relações de significado bastante variáveis ou mesmo de sistematização impossível. Estes pares de substantivos podem ser distribuídos em dois grupos:

**GRUPO A:** Nomes que diferem no gênero e na forma

balanço – balança, barco – barca, barraco – barraca, bicho – bicha, bolso – bolsa, braço – braça, caneco – caneca, cerco – cerca, cesto – cesta, cinto – cinta, cunho – cunha, encosto – encosta, espinho – espinha, fosso – fossa, fruto – fruta, grito – grita, horto – horta, jarro – jarra, lenho – lenha, madeiro – madeira, palmo – palma, poço – poça, ramo – rama, saco – saca, veio – veia.

**GRUPO B:** Nomes homônimos de gênero diverso

o cabeça – a cabeça, o guarda – a guarda, o caixa – a caixa, o lente – a lente, o moral – a moral, o rádio – a rádio, o capital – a capital, o rosa (cor) – a rosa (flor), o cinza – a cinza, o violeta – a violeta, o guia – a guia.

## Convenção e motivação

Resumiremos esta introdução ao estudo do gênero como categoria gramatical em português, reafirmando o ponto de vista que se enraíza no pensamento de Manuel Said Ali e J. Mattoso Câmara Jr.: o gênero dos substantivos responde pela distribuição deles em dois grandes grupos – nomes masculinos e nomes femininos. De nossa parte, entendemos que em cada grupo os nomes adquirem um gênero segundo três ordens de fundamento: a) gênero por convenção, b) gênero por referência e c) gênero por elipse.

### a) Gênero por convenção.

É o fundamento geral. Diz respeito aos nomes de seres inanimados (*biscoito, pedra, espinho, sol, lua, nuvem, vento, mar, ponte, pente, milagre*) e a muitos nomes de seres animados (ex.: *girafa, borboleta, besouro, duende, fada, criança, pessoa, cônjuge*), cujo gênero é imamente e consolidado pelo uso. Encontram-se nessa categoria três tipos:

1 – nomes cujo gênero vem explicitado tão-somente nos seus determinantes: **o** sol, **a** nuvem, **esta** ponte, **outra** borboleta, **uma** criança, **o** cônjuge),

2 – nomes cujo gênero é especificado no sufixo: beleza, clar**idade**, escurid**ão**, espessur**a**, fabricaç**ão**, crescim**ento**, viuv**ez**, e

3 – nomes de base mórfica comum e significados afins, mas lexicalizados de maneira arbitrária no masculino e no feminino: *espinho / espinha, jarro / jarra, barco / barca, cesto/cesta, encosto* (costas da

cadeira) / *encosta* (face de uma montanha), *ramo* (galho de planta, punhado de flores) / *rama* (conjunto de ramos), *lenho* (pedaço de madeira) / *lenha* (punhado de pedaços de madeira), *madeiro* (o mesmo que *lenho*) / *madeira* (matéria prima em que se transformam as árvores abatidas), *vinho* / *vinha* (área plantada de pés de uva).

b) Gênero por referência.

É o fundamento da atribuição de gênero aos nomes de seres animados sempre que a língua oferece ao falante palavras de gênero diverso para nomear o macho e a fêmea da espécie (ex.: *carneiro* / *ovelha*, *homem* / *mulher*, *galo* / *galinha*, *cavalo* / *égua*, *porco* / *porca*, *gato* / *gata*, *leão* / *leoa*) ou de classificações sócio-culturais variadas (ex.: 1 – relações de parentesco: *sobrinho* / *sobrinha*, *irmão* / *irmã*, *pai* / *mãe*, *avô* / *avó*; 2 – ocupações sociais: *o artista* / *a artista*, *o tenista* / *a tenista*, *o atleta* / *a atleta*, *pintor* / *pintora*, *autor* / *autora*, *imperador* / *imperatriz*, *rei* / *rainha*).

Essa motivação referencial observa-se em três casos:

1) Quando existem dois nomes constituídos de radicais distintos – o masculino para o macho e o feminino para a fêmea de uma espécie natural ou de uma relação de parentesco –, sem que entre um e outro haja qualquer relação gramatical (ex.: *cavalo* / *égua*, *bode* / *cabra*, *homem* / *mulher*, *genro* / *nora*, *touro* / *vaca*);

2) quando existem dois nomes de radical comum, um para designar o macho e outro para designar a fêmea, sendo que normalmente o fe-



minino é formado por algum tipo de derivação (ex.: *sobrinho / sobrinha*, *aluno / aluna*, *coelho / coelha*, *peru / perua*, *patrão / patroa*, *leitão / leitoa*, *escrivão / escritã*, *avô / avó*, *galo / galinha*, *maestro / maestrina*, *conde / condessa*, *duque / duquesa*, *rei / rainha*);

3) quando se trata de substantivo cujo gênero somente se define no ato de designar o indivíduo, conforme seja homem ou mulher (ex.: *o atleta / a atleta*, *o pugilista / a pugilista*, *o gerente / a gerente*, *o sem-terra / a sem-terra*, *o tenente / a tenente*, *o amante / a amante*). São os nomes ‘comuns de dois gêneros’.

Também são referencialmente motivados os pronomes *ele / ela*, ou porque operam como os substantivos aqui citados, ou porque se referem, no texto, a nomes ou expressões categorizados como masculinos ou femininos.

c) Gênero por elipse. É o fundamento do processo pelo qual o gênero do substantivo base de uma construção é estendido ao nome que, com a elipse da base, passa a significar o todo. Acham-se neste caso nomes como *rádio*, feminino com o significado de ‘emissora de rádio’; *América*, masculino com o significado de ‘clube esportivo’; *fila*, masculino com o significado de ‘cão de fila’.

## **Gênero flutuante**

Por fim, citemos o caso de alguns substantivos que pertencem aos dois gêneros sem qualquer diferença de significado referencial: o/a sentinela, o/a sabiá, o/a laringe, o/a ordenança, o/a personagem, o/a avestruz, o/a grama (unidade de peso), o/a cal, o/a milhar.